

## JUSTIÇA PELA FÉ

A pergunta mais importante em toda a história do mundo foi feita pelo carcereiro de Filipos que, depois de a sua prisão ter sido sacudida por tremor de terra, gritou para Paulo e Silas: «Que é necessário que faça para me salvar?» (Act. 16:30).

Muitos ainda fazem essa pergunta. Sabem que são pecadores. Sabem que estão perdidos. Vacilando sob o peso da culpa, estão a ponto de desesperar. Querem saber o que fazer para obter a libertação, para serem perdoados, para estarem em paz com Deus.

Paulo e Silas responderam ao carcereiro: «Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo» (vers. 31). Então abriram-lhe a Palavra de Deus (ver. 32).

O objectivo das mensagens deste número da Revista Adventista é colocar cada leitor face a face com Cristo, deixando que o Salvador, por intermédio da Sua Palavra, explique o plano da salvação, definindo a parte de Deus e a parte do homem nesse plano.

Acreditamos que estas mensagens enriquecerão a vida de todos os que as lerem reflectidamente. Os que procuram a verdade acerca de Deus serão impressionados pela revelação do Seu amor em Cristo e levados a entregar-lhe as suas vidas e realizar alegremente a Sua vontade (ver João 15:10-14). Os que já se entregaram a Jesus verão novos aspectos do plano da salvação e compreenderão melhor o que significa o termo «justiça pela fé» no contexto da história e dos ensinamentos da Igreja Adventista do Sétimo Dia.

## SUMÁRIO

Cristo, Justiça Nossa  
Justiça pela fé  
Encontro com o Mestre  
Pode alguém dizer: «Estou salvo?»  
Seminário Adventista de Sagunto  
Em defesa do Presidente da Conferência Geral  
Notícias do Campo

### REVISTA ADVENTISTA

Publicação mensal

AGOSTO DE 1974

ANO XXXV

N.º 335

Director:

ERNESTO FERREIRA

Administrador:

JOAQUIM DIAS

Proprietária e Editora:



PUBLICADORA ATLANTICO

S. A. R. L.

Redacção:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17  
L I S B O A

Administração:

RUA JOAQUIM DIAS SOUSA  
RIBEIRO, LOTE 18, 1.º  
S A C A V E M

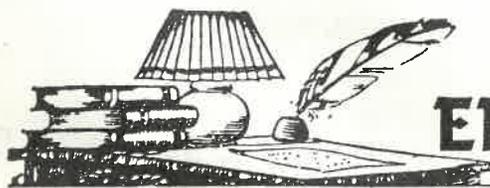
Composto e impresso na

TIP. ANTUNES & AMILCAR, LDA.  
Alam. D. Af. Henriques, 1-C — Lisboa

Assinatura anual: 40\$00

Estrangeiro (excepto Brasil e Espanha): 55\$00

Número avulso 4\$00



Página  
EDITORIAL

# CRISTO, JUSTIÇA NOSSA

«E este será o Seu nome, com que O nomearão: O Senhor Justiça Nossa:» Jer. 23:6. Estas palavras, referentes ao divino Renovo de David, têm constituído, através dos séculos, uma fonte de paz, de encorajamento e de esperança para todos quantos olham para Jesus como seu Salvador.

A justificação pela fé no sacrificio expiatório de nosso bendito Salvador, tão clara e profundamente exposta pelo apóstolo Paulo, mereceu relevo especial nos dias da Reforma. Quando pela primeira vez cintilou na mente de Lutero, esta verdade não só mudou o curso da sua vida mas também o do movimento religioso que, no seu tempo, se estendeu por toda a Europa.

Este foi, com efeito, um dos pilares da mensagem protestante. Assim reza o Artigo IV da Confissão de Augsburgo, de 1530: «Ensinam (os evangélicos) que os homens não podem justificar-se perante Deus pelos seus próprios esforços, méritos ou obras, mas são justificados gratuitamente devido a Cristo pela fé, quando crêem que são recebidos em graça e que têm a remissão dos pecados devido a Cristo, que com a Sua morte satisfaz pelos nossos pecados. Deus imputa essa fé como justiça aos Seus olhos.»

Sucedem, porém, que para muitos a justiça de Cristo aplicada ao pecador aqui termina — tem que ver com o perdão, mas não com a santificação; aplica-se ao passado pecaminoso, mas não à presente vida de obediência.

E, no entanto, a obediência à vontade de Deus é o primeiro impulso daquele que nasceu de novo, é a condição imprescindível para a restauração no ho-

mem da imagem divina perdida pelo pecado e para a recepção final da imortalidade no reino da glória.

Mas, ai de nós!, nas lutas da vida cristã, apesar de toda a nossa sinceridade, de todos os nossos esforços, quão aquém ficamos da meta ideal da nossa vocação! É então que a justiça de Cristo intervém, para cumular as nossas deficiências; mais do que isso, para nos transfigurar aos olhos de Deus e do universo inteligente: «Quando, mediante a fé em Jesus Cristo, o homem realiza o seu melhor, e se esforça por andar no caminho do Senhor mediante a obediência aos dez mandamentos, a perfeição de Cristo é-lhe imputada para cobrir a transgressão da alma arrependida e obediente.»— Fundamentals of Christian Education, pág. 135. «Cristo olha ao espírito com que fazemos as coisas, e quando nos vê levando nossa carga com fé, Sua santidade perfeita faz expiação por nossas faltas. Quando fazemos o melhor possível, Ele torna-Se nossa justiça.»— Mensagens Escolhidas, Livro I, pág. 368.

É assim que a justificação pela fé, longe de ser alheia à vida de obediência preconizada pela mensagem adventista, se encontra intimamente identificada com ela.

A propósito, são dignas de registro as seguintes palavras de E. G. White: «Vários me têm escrito, perguntando se a mensagem da justificação pela fé é a mensagem do terceiro anjo, e eu tenho respondido: 'É, na verdade, a mensagem do terceiro anjo.'»— Review and Herald, 1 de Abril de 1890.

Ernesto Ferreira

# JUSTIÇA PELA FÉ - DOCTRINA BÍBLICA?

por Don F. Neufeld

Por onde se começa um estudo bíblico sobre a justiça pela fé? A expressão «justiça pela fé» ocorre na Bíblia uma única vez, em Gálatas 5:5: «Porque nós pelo Espírito aguardamos a esperança da justiça pela fé» (Versão inglesa. A versão Almeida revista diz «Justiça que provém da fé»). Mas a expressão «justiça que é pela fé» aparece várias vezes (ver Rom. 9:30; 10:6). «Justiça da fé» aparece em Rom. 4:13. «Justiça de Deus» aparece uma quantidade de vezes (ver Rom. 1:17; 3:5, 21; 10:3; II Cor. 5:21).

Poderíamos começar este estudo por uma definição das palavras *justiça* e *fé*; muitas pessoas assim fazem. Mas, na minha opinião, essa é a maneira difícil de começar o estudo. Ao abordar o assunto por esse lado, muitos se sentem confundidos ou levam as mãos à cabeça num gesto de frustração. Exclamam: «Este assunto é demasiado difícil para mim. Não sou capaz de distinguir subtis diferenças entre justiça imputada e comunicada, entre justificação e santificação. Quero salvar-me, mas se a condição para ser salvo é uma compreensão clara desses termos e da relação que existe entre eles, então receio que a salvação esteja para além do meu alcance.»

Proponho um método mais simples e, no meu entender, mais bíblico. Dizendo «mais bíblico» quero dizer um método que utiliza a Bíblia simplesmente para ouvir o que Deus diz, em vez de procurar a Bíblia com uma terminologia e uma estrutura predefinidas.

As primeiras perguntas a responder não são, pois, «O que é justiça?» «O que é fé?» mas sim «Como nos salvamos?»

Há um ponto que surge imediatamente logo que começamos a ler a Bíblia: Deus ama o homem e deseja que todos os membros da família humana se salvem. Esta observação tem um sentido, pois se este é o caso então é de esperar que Deus tenha revelado nas Escrituras o caminho da salvação dum modo tão claro quanto possível. E foi isto que Ele realmente fez. Todas as verdades necessárias à nossa salvação nos foram dadas tão claramente como a luz do meio-dia.

A história bíblica começa apresentando um Deus infinitamente bom. Ele fez uma terra perfeita e colocou nela o homem perfeito. Logo no início dessa história aparece na cena um poder maligno — o diabo, ou Satanás. Este tenta Adão e Eva a desobedecerem a Deus e transferirem a sua aliança para si próprio.

## Não Escolher é Escolher

Depois a história descreve Deus tentando reaver a aliança do homem e o diabo procurando manter o homem debaixo do seu poder. Sendo Deus aquilo que é, e havendo criado o homem um agente moral livre, o único método por Ele utilizado para atrair a Si o homem é a persuasão. O homem escolhe quem deseja seguir — Deus ou Satanás. Na realidade, não escolher seguir Deus corresponde a escolher seguir o diabo, porque Satanás atrai para o seu campo todos quantos não seguem Deus. Há apenas dois poderes (ver Actos 26:18). Portanto, um dos elementos básicos no plano da salvação é a escolha. Ninguém precisa de se perder. Todos quantos se perderem terá sido porque não escolheram salvar-se.

Outra observação significativa é a seguinte: Deus não pede ao homem para segui-l'O, sem lhe apresentar dum modo simples e claro o que isso representa. Por intermédio de Moisés, dos profetas, e doutros, Deus instruiu o Seu povo sobre como viver. Apresentou-lhe não apenas a conduta desejável, mas também os actos e atitudes indesejáveis.

As Suas leis não eram restrições e requisitos arbitrários, mas um reflexo do Seu próprio carácter. A conduta e as atitudes aceitáveis são aquelas que estão em harmonia com o carácter divino. Os preceitos morais querem, com efeito, dizer: «Sê semelhante a Deus».

O pecado, então, é a conduta ou atitude contrária ao carácter de Deus.

A teologia da salvação é apresentada no Antigo Testamento numa maneira simples. Os escritores evitavam complicados argu-

mentos teológicos e filosóficos e concentravam-se na religião prática.

Deus não pedia aos antigos coisas impossíveis. Havia suficiente poder divino disponível para o homem viver uma vida justa. Por meio de Ezequiel, Deus prometeu: «E vos darei um coração novo, e porei dentro de vós um espírito novo; e tirarei o coração de pedra da vossa carne, e vos darei um coração de carne. E porei dentro de vós o Meu Espírito, e farei que andeis nos Meus estatutos, e guardeis os Meus juízos, e os observeis» (Ezeq. 36:26, 27).

É um facto interessante que em parte nenhuma do Antigo Testamento se encontra a doutrina da justiça pela fé explicitamente explicada como a ensinam os credos das igrejas protestantes ou hoje os adventistas do sétimo dia. Quer isso dizer que Deus utilizou para salvar os homens nos tempos do Antigo Testamento um método diferente daquele que utiliza nos tempos do Novo Testamento? De maneira nenhuma.

Enquanto o termo «justiça» aparece frequentemente no Antigo Testamento com o sentido de aquilo que está certo ou em harmonia com o carácter de Deus, a palavra «fé» aparece apenas duas vezes (Deut. 32:20; Hab. 2:4). No primeiro caso é a tradução do hebraico *'emûn*, e no segundo de *'emûnah*. Estas palavras têm a mesma raiz e significam «fidelidade», «firmeza», «estabilidade». Noutras passagens o termo *'emûnah* é traduzido por «fidelidade» 18 vezes. (A versão portuguesa de Almeida traduz *'emûn* em Deut. 32:20 por «lealdade».)

Se se aceita como base que o meio de salvação descrito no Antigo Testamento é o mesmo descrito no Novo Testamento, então tem de se concluir que a expressão «justiça pela fé», um termo do Novo Testamento, é simplesmente outra maneira de descrever a experiência básica da salvação já delineada no Antigo Testamento.

Quem quer que acredita na unidade das Escrituras tem de aceitar esta premissa. Uma pessoa que não tenha o cuidado suficiente pode encontrar-se na posição de acusar Deus por implicação de informação insuficiente aos homens do Antigo Testamento, sobre a maneira de se salvarem. Devemos acreditar que Deus estava tão ansioso por salvar homens no tempo do Antigo Testamento como está hoje. Nessa altura simplificou tanto quanto possível o caminho da salvação. Se tivesse sido necessária mais informação, tê-la-ia dado. Se a justiça pela fé é o único meio pelo qual o homem se pode salvar, então os ensinamentos do Antigo Testamento sobre como salvar-se descrevem a justiça pela fé.

Mas voltemos aos tempos do Novo Testamento. Alguém poderá dizer: o Irmão já discutiu de certo modo o plano de salvação, mas ainda não meteu Cristo no assunto. Esta omissão é apenas aparente, não real. O Yahweh do Antigo Testamento não é apenas o Pai, mas também Cristo. O Antigo Testamento não faz distinção entre as duas pessoas, excepto nas profecias messiânicas. Cristo, cuja existência é tão eterna como a do Pai, foi o canal de comunicação entre Deus e o homem. Assim foi Cristo quem no Éden revelou o plano da salvação a Adão e Eva. Foi Cristo quem instruiu Moisés e proferiu a lei no Sinai. Foi Cristo quem falou pelos profetas do Antigo Testamento.

### O Milagre da Incarnação

Isto é algo que muitos cristãos não compreendem. Quando estudam os ensinamentos de Jesus, estudam somente os Evangelhos. Ignoram, ou até depreciam, os ensinamentos de Cristo pré-incarnado.

Mas aconteceu qualquer coisa de maravilhoso quando chegaram os tempos do Novo Testamento. No devido momento, a segunda Pessoa da Divindade assumiu a forma humana. O Verbo, que estava «com Deus» e «era Deus», por quem «todas as coisas foram feitas,» «fez-Se carne e habitou entre nós» (João 1:1, 3, 14).

Porque deu a Divindade semelhante passo? Seria uma parte indispensável do plano da salvação?

Embora o homem finito não possa sondar as profundezas deste mistério, algumas das suas facetas foram reveladas nas Escrituras. José ouviu da boca do visitante celestial que lhe anunciou a vinda do Messias: «Ele salvará o Seu povo dos seus pecados» (Mat. 1:21). Como faria Ele isso? Há vários aspectos envolvidos.

Lê-se em Hebreus 2:9: «Vemos, porém, coroado de glória e de honra aquele Jesus que fora feito um pouco menor do que os anjos, por causa da paixão da morte, para que, pela graça de Deus, provasse a morte por todos.»

O homem estava condenado a morrer pelos seus pecados. Mas «Cristo morreu por nossos pecados» (I Cor. 15:3). «Deus prova o Seu amor para conosco, em que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores» (Rom. 5:8). Esta foi a maneira simples que os escritores da Bíblia escolheram para apresentar a doutrina da expiação, que os teólogos conseguem tornar tão complexa.

A morte de Cristo assegura aos homens que a dívida pelos seus pecados foi paga,

que se oferece perdão completo e gratuito, desde que eles escolham abandonar os seus pecados e seguir o caminho de Deus. Ao mesmo tempo a morte de Cristo torna-se um poderoso incentivo. Quando o homem começa a ter a noção de quanto Jesus teve que renunciar para o remir e quanto Ele sofreu, o seu coração orgulhoso deixa-se enternecer e a sua obstinada vontade submete-se à d'Ele.

Assim, quando chegaram os tempos do Novo Testamento, o elemento novo introduzido no plano da salvação foi a chegada à terra do Messias havia tanto tempo predito na profecia e nos sacrifícios típicos. Os homens deviam reconhecê-l'O. Ele era o Messias que Deus tinha prometido enviar e, sem O aceitar como Messias, os homens não poderiam mais salvar-se, não importa quão cuidadosa e minuciosamente seguissem as instruções do Antigo Testamento para se salvarem.

Para muitos judeus isto foi um problema. Jesus parecia tão vulgar. Descendia duma parentela tão humilde (tanto quanto eles sabiam). Não parecia nem agia como eles esperavam que o Messias parecesse e agisse.

No entanto era Ele, e Jesus deu evidência suficiente de que era o Enviado de Deus. Este facto devia ser aceito por todos quantos desejavam salvar-se. Os judeus já acreditavam em Deus, mas acreditariam também no Messias? A admoestação de Jesus aos discípulos foi significativa: «Credes em Deus, crede também em Mim» (João 14:1).

A Nicodemos, um chefe dos judeus e homem versado nos ensinamentos do Antigo Testamento, Jesus apresentou claramente o novo elemento introduzido com a Sua vinda: «Para que todo aquele que n'Ele crê (no Filho do homem) não pereça, mas tenha a vida eterna» (cap. 3:15).

Crer no Messias significa muito mais que uma aceitação intelectual da Sua identidade. A fé que salva é uma submissão completa a tudo quanto o Messias sugerir. Crer em Jesus significa aceitá-l'O como é e decidir segui-l'O. Aquele que entrega tudo e escolhe seguir Jesus é o que «não pereça, mas tenha a vida eterna». A fé que salva não é portanto uma substância mágica indefinida, mas uma experiência de confiança e obediência.

Quando o carcereiro filipense perguntou a Paulo e a Silas: «Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar?» recebeu a resposta: «Crê no Senhor Jesus Cristo» (Actos 16:30, 31). Paraphraseando, a resposta foi simplesmente: Aceita Jesus Cristo como Senhor da tua vida e segue-O.

Dissemos no princípio deste artigo que não queríamos começar o nosso estudo da

justiça pela fé procurando uma definição de «justiça» e de «fé». Mas depois de olhar primeiro para a história bíblica, reparamos que dela se deduz naturalmente uma definição simples de fé. A fé apresenta-se, despojada do seu misticismo teológico, como qualquer coisa que os cultos e os não cultos, os jovens e os idosos, podem compreender e experimentar da mesma maneira.

Chegamos agora aos dois livros da Bíblia — Romanos e Gálatas — que tratam da justiça pela fé (isto é, terminologicamente) mais do que quaisquer outros. Há uma razão para esta insistência especial; temos de compreender se queremos assimilar bem a mensagem de Paulo nestes importantes livros do Novo Testamento.

Como grande apóstolo dos gentios, Paulo havia-lhes ensinado o evangelho simples. O Messias tinha vindo e vivido entre os homens, tinha sido crucificado, tinha ressuscitado e tinha ascendido ao céu. Os homens deviam abandonar os seus pecados e aceitá-l'O como Senhor das suas vidas.

Mas o partido judaizante opunha-se a Paulo. Este partido insistia em que os conversos gentios deviam também observar as diversas leis judaicas, incluindo a circuncisão; que esta era a sua única esperança de serem aceitos por Deus. Se os judaizantes tivessem insistido em que os novos conversos guardassem a leis morais do Antigo Testamento, as quais o próprio Cristo tinha dado como reflexo do Seu carácter, não teria havido qualquer objecção. Mas eles insistiam em que os novos crentes guardassem igualmente as leis cerimoniais, que consistiam nos vários sacrifícios e festas que apontavam para a vida do Messias. Uma vez que o Messias tinha vindo, tais observâncias típicas haviam perdido o seu significado. E ainda mais, esses judaizantes insistiam em que as leis judaicas deviam ser observadas de acordo com a interpretação dos rabinos. Argumentavam que só pela observância daquelas leis é que um homem podia tornar-se justo.

Aqui torna-se-nos necessário definir «justiça» no contexto desta heresia judaizante. Como definição provisória sugiro a seguinte: «Justiça é a qualidade ou estado que torna um homem aceitável a Deus». Quando um homem é justificado ou declarado justo, quer dizer que Deus o aceitou como Seu filho. Os judaizantes diziam que tal justiça ou aceitação deriva das obras, ou obediência a todas as variadas leis dos judeus. Atacando os seus ensinamentos, Paulo disse: «Sabendo que o homem não é justificado (grego *dikaioō*, «declarar justo», ou «reconhecer como justo») pelas obras da lei, mas pela fé em Jesus Cristo, temos tam-

bém crido em Jesus Cristo, para sermos justificados pela fé de Cristo, e não pelas obras da lei; porquanto pelas obras da lei nenhuma carne será justificada.» (Gál. 2:16).

### Compreender a Discussão Subjacente

Foi por causa desta discussão com os judaizantes que o apóstolo Paulo teve que dizer muito mais acerca do assunto do que normalmente teria sido necessário. Talvez devêssemos estar gratos aos judaizantes por haverem estimulado Paulo a dizer tudo quanto disse. Por outro lado, alguém que estude Romanos e Gálatas sem compreender a implicada discussão subjacente, pode interpretar mal o que Paulo afirma.

A «fé em Jesus Cristo» é a aceitação do Messias, como já dissemos. É uma vida de completa sujeição a Cristo. Descrevendo a sua própria vida de fé, Paulo disse: «Estou crucificado com Cristo, e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus» (vers. 20).

Na sua argumentação do livro de Romanos, Paulo começa por analisar de certo modo a situação de judeus e gentios. Todos, quer judeus quer gentios, devem aceitar o Messias. Todos pecaram e falharam no que Deus esperava que fosse a sua conduta, mas através da sua aceitação do Messias são considerados justos (ver Rom. 5:1). A vida de obediência de Cristo (vers. 19) e a Sua morte (vers. 8) proveram o meio de o homem ser aceito por Deus.

Em Romanos, Paulo demora-se sobre o assunto do que é a vida de fé. Fez a mesma coisa em Gálatas dando uma lista de admoestações sobre ética e moral nos capítulos 5 e 6, mas em Romanos desenvolve ainda mais a argumentação. Começando em Romanos 6, responde ao ataque que os judaizantes sem dúvida fizeram aos seus ensinamentos. Dando ênfase ao facto de que ninguém pode ser justificado pelas obras da lei, isto é, observando as diversas leis judaicas, Paulo deve ter dado aos judaizantes a impressão de estar menosprezando a lei e desculpando o pecado. Mas Paulo foi bem explícito: «Que diremos pois? Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde? De modo nenhum» (Rom. 6:1, 2). «Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com Ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado» (vers. 6). Esta resposta mostra claramente que Paulo não pensava de modo algum que as leis morais tivessem sido abolidas.

Continuando, Paulo chamou a atenção para um elemento importante da vida da fé. A vida de fé é uma vida de vitória. «Porque o pecado não terá domínio sobre vós, pois não estais debaixo da lei, mas debaixo da graça» (vers. 14). Viver debaixo da lei, isto é, procurar ser justificado pela lei independentemente da fé em Cristo, não dá o poder que torna possível uma vida de justiça.

Este assunto da vitória por meio de Cristo, numa vida de fé, é mais adiante desenvolvido por Paulo ao contar a sua própria experiência no judaísmo antes de haver encontrado e aceitado o Messias. «E eu, nalgum tempo, vivia sem lei, mas, vindo o mandamento, reviveu o pecado, e eu morri» (cap. 7:9). Tendo sido convencido pelo Espírito Santo, Paulo procurou sinceramente viver uma vida moral correcta. Mas não teve nenhum êxito. Confessou: «Porque o que faço não o aprovo; pois o que quero isso não faço, mas o que aborreo isso faço» (vers. 15). Finalmente exclamou desesperado: «Miserável homem que eu sou! quem me livrará do corpo desta morte?» (vers. 24).

(Não pretendemos aqui discordar dos muitos cristãos que creem que em Romanos Paulo descreve uma experiência normal depois da conversão. Apresentamos aqui o que acreditamos ter sido o argumento básico que Paulo quis fazer compreender aos Romanos, no contexto da heresia judaizante.)

No capítulo 8 Paulo mostra como a condenação resultante da falta de vitória desvanece para os que estão verdadeiramente convertidos a Jesus, pois que, por intermédio do poder de Cristo, abandonaram as obras da carne e seguem as tendências do Espírito (ver vers. 1).

Volta a repetir o pensamento de que, separadamente de Cristo, a observância da lei moral é impossível: «Porquanto a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser» (vers. 7).

Descrevendo a nova vida do Espírito, daqueles que são justificados pela fé, Paulo continua: «Se viverdes segundo a carne, morrereis; mas, se pelo Espírito mortificardes as obras do corpo, vivereis» (vers. 13).

Deste modo Paulo amplia a promessa do anjo: «Ele (Jesus) salvará o Seu povo dos seus pecados» (Mat. 1:21). Cristo não se limitou a providenciar para que os pecados pudessem ser perdoados, providenciou também para que os homens se pudessem libertar do poder do pecado. Quando a justiça

*(Continua na pág. 10)*

# ENCONTRO COM O MESTRE

por George E. Vandeman

Foi Peter Marshall quem intitolou um dos seus livros: *Sr. Jones, Tenha um Encontro com o Mestre*. No presente artigo quero fazer-me eco do mesmo convite. Nada poderia ser mais apropriado e mais pessoal do que apresentar-vos o meu maravilhoso Senhor, o meu Salvador, o meu Amigo. E nada poderia ser mais importante.

A minha relação com o Salvador através dos anos tem sido uma experiência emocionante. As minhas conversações com Ele, as minhas orações, a minha comunhão — têm sido reais e profundamente pessoais. Mas devo confessar que, durante um tempo, embora fascinado e abençoado pela Sua mensagem, inspirado pelos Seus métodos e movido pela glória da Sua cruz, perdi muito da Sua amável Pessoa. Teve que chegar o momento em que, como E. J. Waggoner, o ministro adventista da década de 1880, eu fui completamente subjugado pelos incomparáveis encantos de Cristo.

Assim a minha relação com Ele tem-se desenvolvido. Os encantos da Pessoa de Cristo levaram-me a abandonar-me completamente ao Seu amor — até ao presente, mesmo fazendo o maior esforço de imaginação — não consigo pensar em separar-me d'Ele.

Mas por favor não me interpretem mal. Não estou falando dum sentimentalismo superficial, do género de bater palmas, como muitas vezes hoje se vê. Verdadeiramente, o meu amor pelo Salvador tem crescido naturalmente — tão naturalmente como da semente cresce uma planta, tão naturalmente como respiramos o ar.

Chequei à conclusão de que a experiência de Cristo habitando em nós, descrita em muitos textos da Escritura, não é na realidade teologia; é simplesmente o resultado da presença duma Pessoa. Como pode deixar de haver uma transformação na vida, se a Pessoa ali se encontra?

Durante muitos anos tenho dado grande prioridade à investigação das profundezas da justiça pela fé. Tenho ensinado o tema a estudantes universitários. Tenho-o pregado a inumeráveis assistências. No entanto eu sabia já há anos, como sei muito melhor agora, que justiça pela fé não é simplesmente um conceito para se ensinar, não

apenas um estribilho religioso; é algo para se receber, algo para se experimentar. E é absolutamente surpreendente na sua simplicidade.

Quem se lembra da história do fariseu e do publicano, narrada em Lucas 18? Jesus disse que o fariseu enumerou todas as suas virtudes; o publicano expôs numa súplica a sua necessidade. E Jesus disse que foi o publicano quem «desceu justificado para sua casa».

## Perdoado e em Paz

Aquele humilde cobrador de impostos não compreendia possivelmente a doutrina da justificação. Provavelmente nunca teria ouvido falar de justiça pela fé. Mas fosse ela o que fosse, o que quer que se chamasse, ele possuía-a. Desceu justificado para sua casa. Foi para casa perdoado e em paz com Deus.

Poderá acontecer que milhares dentre nós se tenham confundido tanto com termos teológicos, obcecado tanto por conceitos religiosos abstractos, a ponto de os abordar como se estivessem envoltos em mistério — perdendo a simplicidade daquilo que Deus quer fazer por nós? Poderá ser que alguns de nós se tenham deixado absorver por definições de doutrina, traçando a sua história, debatendo se foi aceita ou rejeitada pela igreja em 1888, a ponto de perder de vista o que ela realmente significa? Teremos estado tão ocupados a analisar a doutrina, que perdemos de vista a Pessoa?

Justiça pela fé é mais que uma doutrina, é uma relação pessoal com uma finalidade. E se voltarmos as costas ao pecado e deixarmos que Cristo viva em nós, não importa o nome que chamemos a isso.

Portanto, nos poucos parágrafos que se seguem, desejo que encontreis o Salvador que eu conheço e amo. No entanto, neste limitado espaço, como poderemos sequer começar? Tentar mesmo descrevê-lo é como procurar reunir o oceano dentro de pequenos baldes de lata. É necessário uma observação mais prolongada, uma observação sem pressa, uma observação contínua.

A própria eternidade não bastará para esgotar o conhecimento dos encantos da Sua Pessoa!

Uma coisa sei: Contemplá-l'O, tocar nem que seja só a orla da Sua compreensão e do Seu cuidado, ouvi-l'O dizer: «Perdoo-te» — é amá-l'O para sempre. E jamais esqueceremos onde O encontramos pela primeira vez!

Não sei se já ouvistes a lenda de Zaqueu depois da sua conversão junto do sicômoro. Comportou-se de modo tão estranho, segundo a lenda, que a mulher ficou preocupada com a sua saúde mental. Parece que todas as manhãs, em vez de se dirigir para o lugar do trabalho, seguia na direcção oposta com uma pá e um cântaro na mão. Finalmente a curiosidade da esposa levou-a a segui-lo. Viu-o chegar ao poço da cidade e encher o cântaro de água. Depois seguiu-o pela vereda que levava ao velho sicômoro. Viu-o deitar cuidadosamente a água sobre as raízes da árvore e ficar ali acariciando-lhe o tronco. Saindo do lugar onde estava escondida, não podendo conter mais a sua curiosidade, pediu uma explicação. «Encontrei-O aqui», disse ele, «Foi aqui que O encontrei!»

Sim, Jesus de Nazaré não era um homem que se pudesse encontrar uma vez e depois esquecer. Não se podia ouvi-l'O ensinar sem se deixar convencer. As multidões que O seguiam aprenderam isso mesmo. Não se podia persegui-l'O e seguir tranquilamente o próprio caminho. Paulo na estrada de Damasco aprendeu isso mesmo. Não se podia lavar as mãos e esquecer-l'O. Pilatos, o hesitante procurador, aprendeu isso mesmo. Não se podia negá-l'O sem derramar o coração em lágrimas ao ver o perdão no Seu rosto. Foi o que aprendeu Pedro, o discípulo fraco. Não se podia trai-l'O sem conhecer aquele a quem se traía. Foi o que aprendeu Judas, demasiado orgulhoso para se arrepender. Não se podia assistir à Sua morte sem ser convencido de que era o Filho de Deus. Foi o que teve de aprender um valente centurião romano. Do coração de cada homem Jesus exigia um veredicto — submissão ou rejeição.

### **Apaixonado Interesse pelo Sofredor**

É verdade que as Suas ideias eram revolucionárias. Era revolucionário falar com os odiados samaritanos, ou comer com os desprezados cobradores de impostos. Era revolucionário falar em dar a própria capa a um dos detestados soldados romanos, ou carregar o embrulho do soldado uma segunda milha depois de ele ter obrigado

a carregá-lo durante a primeira. Era revolucionário falar acerca de amor numa cultura tão corrupta que uma impressionante percentagem dos cidadãos encontrava a morte por qualquer processo violento. Era revolucionário andar curando pessoas e falando de amar os inimigos numa época tão cruel e violenta que pregar pessoas em cruzes como punição era uma coisa tão comum que até se tornava monótona. Diz William Emerson, Jr., ex-redactor do *Saturday Evening Post*: «Neste género de cultura, um ministério de cura que revelava apaixonado interesse pelo sofredor deve ter parecido demência».

Jesus detestava a hipocrisia dos chefes religiosos do Seu tempo. E não receava falar contra ela em palavras que ninguém tinha dificuldade em compreender. Chamou abertamente aos fariseus, aos escribas e aos saduceus hipócritas e impostores — apesar de saber que isso Lhe haveria de custar a vida.

Mas as Suas acusações declaradas desafiavam menos a religião estabelecida do que o fez o Sermão da Montanha. Os dirigentes religiosos eram hábeis lutadores. Sabiam de controvérsia. Mas não de amor. O amor fazia-os não se sentirem à vontade. Fazia-os sentirem-se culpados. E não gostavam de se sentir culpados. Não queriam ser amados — porque não queriam deixar-se dominar.

Jesus tinha uma maneira maravilhosa de denunciar o pecado e atrair ao mesmo tempo o pecador. Ele amava os pecadores. E os pecadores sabiam isso. Eis a razão por que se sentiam atraídos para Ele. Vinham porque queriam o perdão. Vinham porque queriam modificar-se.

O povo comum ouvia-o com agrado, diz a história inspirada. E não admira. As pessoas sabiam que Ele não as considerava comuns. Para Ele cada pessoa era especial. Ele tinha vindo como um deles, preferindo a sorte do humilde camponês ao luxo e às facilidades do rico. Veio sem a pompa da realeza. Em vez disso, vemos o Rei do céu com uma toalha no braço, lavando os empoeirados pés do homem que dentro de momentos o havia de trair.

### **Compreendia os Homens**

Ele compreendia os homens. Compartilhava as suas alegrias e tristezas. Sentia as suas dores e simpatizava com a sua solidão. Pois Ele sabia que em breve passaria por uma solidão maior que a de todos eles. Curava as suas enfermidades e chamava os mortos à vida — porque não podia esperar

até ao dia designado para a ressurreição. Assim era Ele!

Partilhou das tentações dos homens. Nunca houve homem tão tentado como Ele. E provavelmente a maior de todas as tentações, a mais difícil de combater, seria a de acender as luzes do palco e mostrar-se ao público, fazer uma exibição do Seu poder e mostrar a toda a gente quem era.

Houve o dia em que encontrou Satanás no deserto, logo no início do Seu ministério. Estava cansado. Estava só. Tinha fome. Foi terrivelmente tentado a tornar-Se um superstar — transformar as pedras em pão e saltar do pináculo do templo, mostrar as Suas credenciais. Limitou-Se a rejeitar a sugestão.

Foi tentado no dia em que o povo O quis fazer rei. Foi tentado no dia em que Herodes O desafiou a fazer um milagre para provar a Sua divindade. Foi tentado quando Pilatos Lhe perguntou porque não dizia nada em Sua própria defesa.

Foi tentado naquela noite no Jardim do Getsêmane. Tão tentado que estendeu o corpo naquele chão frio, escavando a terra com os dedos em agonia. Não Se ajoelhou junto de uma pedra bem escolhida, numa pose perfeita, à vista das objectivas fotográficas. Não. O Getsêmane foi real. O Getsêmane foi tentação.

Foi tentado quando ouvia as vozes que, junto da cruz, O desafiavam que descesse — se pudesse. Foi tentado a descer, com legiões de anjos subitamente ao Seu lado — deixar a Terra à vista da multidão escarnekedora e abandonar o homem à sua sorte, sem Salvador. Mas resistiu. Tinha vindo para salvar o homem. E uma exibição de poder não poderia salvá-lo!

O Calvário não foi uma cena cuidadosamente planeada para impressionar o universo. O Calvário foi real. O Calvário foi um assunto grave — mortalmente grave. A raça humana estava perdida. A solução era a morte — não uma representação. A lei do universo tinha sido transgredida. Só a morte do Filho de Deus podia vindicá-la, satisfazer as suas exigências, desfazer o desentendimento entre Deus e o homem.

### **Não um Superstar**

O argumento não apresentava Jesus como um superstar. Apresentava-O como um sacrifício. E o sofrimento não devia ser suavizado com música e luzes coloridas!

Ele veio *partilhar* a sorte do homem para poder *modificar* a sorte do homem. Isso significava partilhar a morte do homem. Assim vemos o Filho de Deus, declarado

inocente pelo próprio Pilatos, sentir o sofrimento de um milhão de mortes.

Foi para isso que Ele veio. Todo o caminho da Galileia ao Gólgota percorreu Ele avançando sempre para o dia em que havia de morrer — morrer por ti e por mim.

O Calvário não foi um acontecimento accidental. É verdade que muitos na sua cegueira naquele dia limitaram-se a ver morrer um homem, supondo que não havia mais nada. Apenas um ladrão moribundo pareceu compreender o que estava acontecendo.

A questão é esta. Tratava-se de um homem — simplesmente um bom homem, o melhor homem que podia existir — morrendo como vítima pacífica nas mãos de homens ímpios? Ou era Ele Deus incarnado que Se entregava por uma raça perdida?

Não esqueçamos! Se Ele fosse um simples, homem, estaríamos a descrever uma simples execução. Sendo Ele Deus, estamos a descrever uma oferta. Se Ele fosse apenas um homem, testemunharíamos apenas a morte de um mártir. Se Ele é Deus, estamos testemunhando um sacrifício!

O pecado com as suas consequências significa morte. A morte está presente. A morte está gravada em cada nervo, tecido e célula do nosso corpo. Toda a raça humana está afectada. E não há nada que algum homem possa fazer para modificar essa situação.

Mas o Salvador oferece-nos a água viva e convida-nos a bebê-la. E o que é essa água viva? Se bebermos dela, diz Ele, não voltaremos a ter sede. Então deve ser aquilo por que sentimos sede. Aquilo por que sentimos fome. Aquilo por que anelamos. Aquilo que necessitamos. Se somos culpados, é o perdão. Se estamos cansados, é o repouso. Se precisamos felicidade, não há outro lugar onde encontrá-la. Se precisamos estabilidade, ali está ela. Se o que precisamos é força para vencer o pecado — foi para isso que Ele veio. Se queremos vida, Ele diz que a água viva saltará para a vida eterna.

Esta união, esta relação — se quiserdes podeis chamá-la justiça pela fé. Chamai-lhe aquilo que desejad. Mas, demos-lhe o nome que lhe dermos, pode ser nossa neste momento. Sem ela, sem o Salvador a viver dentro de nós, estaremos sempre inquietos. Estaremos sempre insatisfeitos. Estaremos sempre cansados, culpados e atemorizados.

Deus colocou uma inquietude dentro de nós, de modo que nunca nos sentiremos satisfeitos enquanto estivermos separados d'Ele. Não nos deixará sentir em casa enquanto estivermos separados d'Ele. Não nos deixará sentir em casa enquanto estivermos ausentes. Não empregará o Seu poder para

nos forçar ao regresso. Mas saiu para a estrada à nossa procura, chamando pelo nosso nome, na esperança de que O possamos ouvir.

Não seria uma tragédia transmitir a outros o apelo do Salvador e nunca descobrir que Ele está falando também connosco? Não seria uma tragédia fazer confusão acerca de quem se encontra desviado? Ser iludidos acerca do estado da nossa relação com Cristo?

Foi dito dos gregos macedónios que «tinham nas suas mãos sem vida as riquezas dos seus pais, sem haverem herdado o seu espírito». Poderia dizer-se a mesma coisa de nós?

Como professos cristãos, estamos nós arregalando os olhos para a nossa herança e lançando um simples relance para Cristo? Estamos nós fitando atentamente a nossa maquinaria, lançando apenas um olhar para Aquele a quem tudo se destina? Estamos nós atentos à política, à miséria e à poluição sem pensar n'Aquele que pode remediar tudo isso? Estamos nós fitando o mundo — e lançando apenas um olhar para o Rei vindouro?

Será possível que alguns de nós, professando conhecer o Salvador, não O conheçamos realmente tão bem como desejaríamos que os outros pensassem? Será possível que alguns de nós tenhamos procurado partilhar com outros uma experiência que nós mesmos nunca fizemos? Ou uma experiência que já perdemos? Será possível que algum de nós esteja precisando uma modificação?

Li algures acerca de um jovem pai que se havia afastado de Deus. Havia chegado ao fim da sua resistência. Pensou no suicídio. Então Deus tocou a sua vida e ele começou uma nova relação com o seu Salvador.

### O Filho Repara na Diferença

Aquele homem tinha um filho de catorze ou quinze anos que nunca havia aceitado a Cristo. O rapaz reparou na diferença no seu pai. Passadas apenas duas semanas, disse: «Papá, o que é que se passa contigo ultimamente?»

Procurando as palavras exactas, o pai disse lentamente: «Olha, filho, penso que estava a pôr a minha vida toda numa grande desordem, e decidi pedir a Deus que interviesse e me mostrasse a maneira de viver.»

O rapaz fixou os olhos no chão. «Papá», disse calmamente, «penso que também gostava de fazer isso».

O pai sentiu que as lágrimas lhe corriam pela face e choraram ali os dois, pai e filho. No dia seguinte o pai partiu para Nova Iorque numa viagem de negócios que durou duas semanas.

Estava ansioso por chegar a casa. Quando o seu avião estacionou junto do terminal, o filho rompeu pelo meio da multidão e correu ao encontro do pai. Os olhos brilhavam de excitação. «Papá», disse, sustendo a respiração, numa voz que traduzia espanto, «sabes o que Deus fez?»

«Não, filho, o que fez Ele?»

«Modificou todos os colegas da minha classe!»

Ouve, amigo: O Salvador de quem temos estado a falar pode modificar cada leitor desta página! E pode fazê-lo agora! A começar por ti!

## JUSTIÇA PELA FÉ

(Cont. da pág. 6)

é pela fé (usando termos que agora têm um sentido), isto é, por uma submissão completa ao Messias e por uma relação pessoal com Ele, então há poder sobre o pecado, poder acessível por intermédio da poderosa intervenção da terceira Pessoa da Divindade. É esta a ideia de Paulo em Romanos 6, 7 e 8.

Será a justificação pela fé uma doutrina bíblica? Evidentemente que sim. Mas a justiça pela fé é apenas uma expressão entre muitas que descrevem na Bíblia como os homens se salvam. É possível descrever o acto da salvação por muitos outros termos e foi isso que fizeram os escritores da Bíblia. Portanto, a pessoa que tenha dificuldade em distinguir entre justiça imputada e justiça comunicada não precisa de se preocupar, porque a sua salvação não depende da sua capacidade de compreender esses termos. As instruções bíblicas para a salvação são extremamente simples. Infelizmente, muitas vezes os homens obscurecem aquilo que Deus quis que fosse claro. Os que se sintam confundidos pelas explicações humanas devem abrir a Bíblia eles próprios, ler simplesmente o que ela diz e deleitar-se no amor, no perdão e no poder de Deus.

«Não temas», disse Jesus aos Seus discípulos, «porque a vossa Pai agradou dar-vos o reino» (Lucas 12:32).

# PODE ALGUÉM OUSAR DIZER: «ESTOU SALVO?»

por Jonathan Butler

Pelos anos de 1870, um evangelista forte, fisicamente bem constituído, abordava os transeuntes nas ruas de Chicago com a pergunta: «O senhor está salvo?» Um negociante, em vez de lhe responder, disse simplesmente: «O senhor deve ser Dwight Moody». Tinha razão. Com efeito, a pergunta tinha-se tornado uma espécie de marca registada de Moody; e até ao dia de hoje, estudantes do Instituto Bíblico Moody, de Chicago, de aspecto distinto, com a Bíblia debaixo do braço, fazem, inconscientemente, a mesma pergunta: «O senhor está salvo?»

Em resposta a tal pergunta, os adventistas do sétimo dia avançam por vezes um «Sim» hesitante, ou respondem correctamente: «Depende do que queira dizer com a palavra 'salvo'». Naturalmente se um predestinacionista lhes devesse fazer a pergunta: «Está o senhor salvo?» eles teriam de admitir não estar de acordo com seu ponto de vista, pois ele afirma que os eleitos não podem desviar-se da graça de Deus.

Ellen White, num contexto que mostra ter em mente sobretudo os novos convertidos, comenta: «Nunca se deve ensinar aos que aceitam o Salvador, conquanto sincera sua conversão, que digam ou sintam que estão salvos». No entanto, continua ela: «Deve-se ensinar cada pessoa a acariciar esperança e fé; mas, mesmo quando nos entregamos a Cristo e sabemos que Ele nos aceita, não estamos fora do alcance da tentação... Os que aceitam a Cristo e dizem em sua primeira confiança: Estou salvo! estão em perigo de depositar fideducía em si mesmos.» — *Parábolas de Jesus*, pág. 155.

Por outras palavras, podemos saber que Deus nos aceitou como Seus filhos, mas, uma vez aceitos, podemos ainda negar a nossa fé e perder a salvação. Devemos ter confiança na nossa salvação, mas não confiar em nós mesmos. «Nossa única segurança está na constante desconfiança de nós mesmos e na confiança em Cristo» (Ibidem).

Voltamos, pois, à pergunta: «Está o senhor salvo?» Ora, talvez, para evitar más interpretações, devamos perguntar: «Como podemos saber que fomos aceitos por Deus?» Em primeiro lugar, leiamos a esse

respeito nas Escrituras. Um bom sítio para procurar é a Primeira Epístola de João, a carta que trata exactamente desse assunto. João escreveu aos primeiros cristãos que criam em Jesus Cristo mas que, como muitos de nós, tinham falta da certeza da salvação. O apóstolo declarou simplesmente: «Qualquer que confessar que Jesus é o Filho de Deus, Deus está n'Ele, e ele em Deus» (I João 4:15). Ou ainda: «Todo aquele que crê que Jesus é o Cristo, é nascido de Deus» (cap. 5:1). Depois explicou: «Estas coisas vos escrevi a fim de saberdes que tendes a vida eterna, a vós outros que credes em o nome do Filho de Deus» (vers. 13, Versão Almeida revista).

Muitos cristãos procuram complicar a redenção acrescentando às Escrituras requisitos da sua própria autoria. Como filhos da tradição pietista, dependem muito das experiências religiosas fervorosas para confirmar a sua fé. Mas o fervor do coração varia. A Palavra de Deus, por outro lado, é constante.

Confessamos os pecados diariamente a Jesus, escreveu Ellen White, e então oramos para que Ele os extermine cada dia. «Crede então que o fará, porque assim o prometeu.» — *Aos pés de Cristo*, pág. 53. «Não espereis por sentir que estais curado, mas dizei: 'Acredito; assim é, não porque eu o sinta mas porque Deus o prometeu.'» — *Ibid.*, pág. 54.

C. S. Lewis sugeriu que a conversão é «vestir-se como Cristo» e «imitar» a Sua pessoa. Ainda que não nos sintamos como «pequenos Cristos», somos com efeito filhos de Deus. (C. S. Lewis, *More Christianity*, págs. 157-187). Temos a certeza disto porque a Bíblia assim o diz.

Em segundo lugar, sabemos que somos filhos de Deus por causa do Espírito que habita em nós. «Nisto conhecemos que estamos n'Ele, e Ele em nós», diz João, «pois que nos deu do Seu Espírito» (I João 4:13). Agora, este Espírito não aparece como o «tornado branco» nos reclames da televisão, embora haja aqueles que tentam fazer aparecer um fenómeno do género. O Espírito habita em nós como resultado da nossa fé em Jesus Cristo. Cremos que Ele habita em nós e não pedimos «provas» disso por meio de êxtase e fervor religioso.

Paulo disse: «O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus» (Rom. 8:16).

«E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis» (vers. 26). A oração, devemos ter cuidado, pode ser mais difícil do que parece, e muitos de nós não a fazemos muito bem. O hábito da oração, como o exercício de ginástica, é para alguns difícil de manter nem que seja por três dias. Não, orar, no entanto, afecta a nossa relação com Deus, do mesmo modo que não falar afecta a nossa relação com um amigo. Mas quando começamos a degradar-nos a nós mesmos, dizendo que não somos realmente filhos de Deus, isso pode ser a murmuração duma consciência extra-  
viada.

### O Espírito Acompanhado de Palavras

Quando ouvimos um sermão pregado do púlpito e somos de novo impressionados com o facto de sermos filhos de Deus, isso pode ser novamente a voz do Espírito acompanhada de palavras. Por outro lado, se um evangelista eloquente, como «um anjo do céu», pregar contrariamente ao evangelho, pode ser muito persuasivo mas movido por um espírito diferente. (Ver Gál. 1:6-9.) Quando apreciamos a boa harmonia reinante entre os membros duma igreja, isso também pode ser uma manifestação de que o Espírito de Deus está à obra. Mas quando um espírito ou uma força nos divide em facções conflituosas, podemos ter a certeza de que não é o Espírito de Deus ao trabalho. (Ver I João 2:9-11.) Assim, a Bíblia dá-nos a certeza da salvação e o Espírito reforça as mensagens da Bíblia por meio da oração e de sermões e da igreja que nos rodeia.

Em terceiro lugar, podemos ver que Deus nos salvou pela modificação na nossa maneira de viver. João disse que «nisto sabemos que O conhecemos: se guardarmos os Seus mandamentos.» Por outro lado, «aquele que diz: Eu conheço-O, e não guarda os Seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade» (I João 2:3, 4). A salvação, ao contrário da psicanálise, não é apenas o diagnóstico, mas a cura. Não acreditamos apenas em Cristo, esforçamo-nos por imitá-lo numa nova espécie de vida.

A vontade de Deus é raramente fácil de executar no supermercado da vida, e muitas vezes é obscura. Ainda que empenhados numa vida de obediência, podemos cair muitas vezes. É importante, no entanto, que,

quando cairmos, nos ergamos de novo e avancemos. Devemos lembrar-nos que, quando cometemos erros, Deus não nos rejeita como não sendo mais Seus filhos. O pródigo longe de casa continuava a ser o filho do seu pai, embora a sua felicidade dependesse do seu regresso. A ovelha perdida pertencia ao pastor, tanto como as 99 que não se tinham desviado.

O apóstolo Pedro diz o seguinte: «Irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição, porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis» (II Pedro 1:10). Isto é, porque estais entre os escolhidos, deveis fazer «toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor fraternal; e ao amor fraternal a caridade» (vers. 5-7).

João resumiu, numa palavra, o que Deus deseja que nós façamos: amar. Por amar, ele quis dizer o que Cristo fez por nós e o que por nossa vez devemos fazer uns pelos outros. (Ver I João 2: 6, 15-17; João 14: 12.) João escreveu que se alguém «tiver bens do mundo, e, vendo o seu irmão necessitado, lhe cerrar as suas entranhas, como estará nele a caridade de Deus? Meus filhinhos», diz ele, «não amemos de palavra, nem de língua, mas por obra e em verdade» (I João 3:17, 18).

Então, que «evidência» temos nós de que a nossa fé em Jesus Cristo nos fez filhos do Rei? A nossa «fé» é «o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem» (Heb. 11:1). Não podemos requisitar uma linha telefónica especial directa do céu para confirmar a nossa fé. Para o presente, devemos contentar-nos com a Palavra que Ele nos deixou e com o novo Espírito do Seu amor que dá valor à verdade escrita na Sua Palavra.

Depois de tudo isto, alguns encontrarão ainda razões para duvidar. A falta de certeza de que Deus nos tenha aceite é como o sentimento de inferioridade. Algumas das pessoas mais bem dotadas, elegantes e inteligentes têm o sentimento de que são seres humanos inferiores. Podemos dizer-lhes quanto os respeitamos e amamos, mas continuam a carecer de respeito e amor pela sua própria pessoa.

Muitos adventistas do sétimo dia, sendo cristãos excelentes e activos a quem Deus aceita como Seus filhos e filhas, de qualquer maneira não se consideram completamente integrados na família de Deus. Neste sentido, pode ajudar-nos o facto de saber que figuras célebres da Bíblia, como

(Continua na pág. 17)

# SEMINÁRIO ADVENTISTA DE SAGUNTO

Durante os dois últimos anos lectivos, vários alunos portugueses frequentaram, com proveito, o Seminário Adventista Espanhol, que funcionou em Valência, em instalações provisórias.

Entretanto foram-se construindo alguns edificios na propriedade que a Associação Espanhola adquirira em Sagunto.

É assim que, a partir do próximo mês de Setembro, esta instituição passará a funcionar, não já em Valência, mas em Sagunto.

São ministrados cursos que darão acesso aos seguintes diplomas:

1. Diploma de Evangelista Licenciado (preparação básica — 7.º ano liceal; duração do curso — 2 anos em Sagunto e 2 em Collonges).

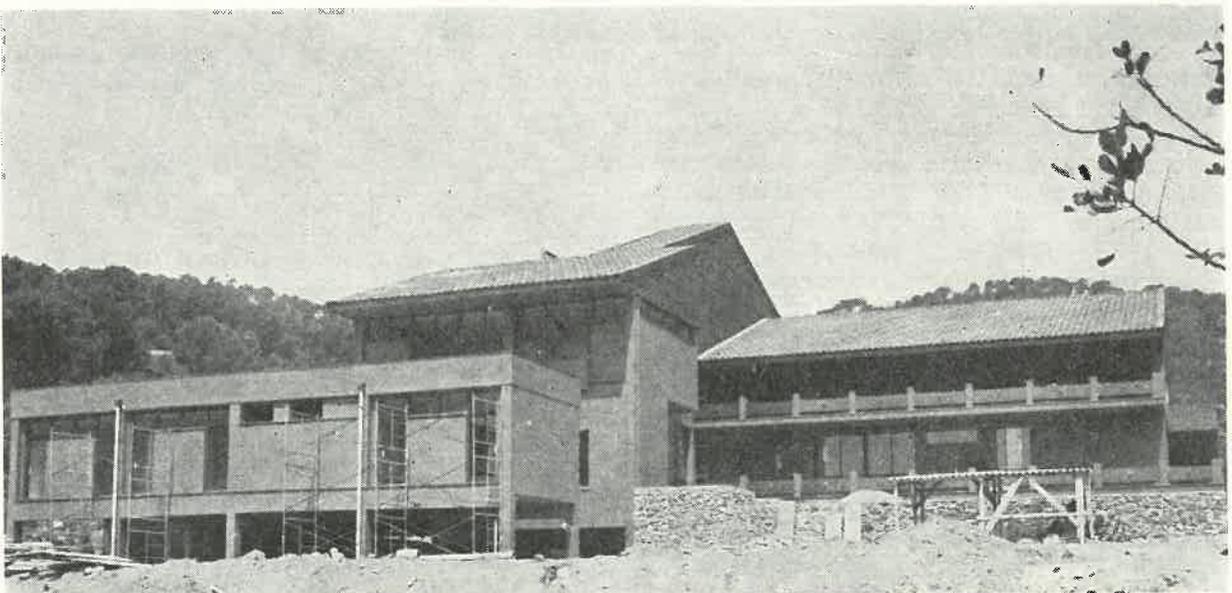
2. Diploma de Evangelista (preparação básica — 5.º ano liceal ou equivalente; duração do curso — 2 anos em Sagunto e 2 em Collonges).

3. Diploma de Pedagogia (preparação básica — 5.º ano liceal ou equivalente; duração do curso — 1 ano).

4. Diploma de Instrutora Bíblica (preparação básica — 5.º ano liceal ou equivalente; duração do curso — 2 anos em Sagunto e 1 em Collonges).

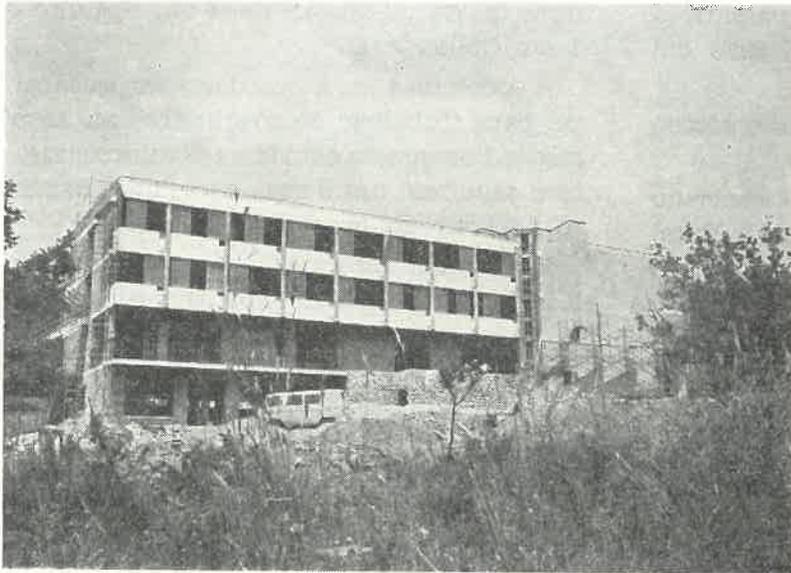
A todos os jovens que desejem preparar-se para trabalhar como obreiros na Associação Portuguesa convidamos calorosamente a seguirem um destes cursos em Sagunto a partir do próximo ano lectivo.

Para mais informações, contactar com a sede da Associação Portuguesa.

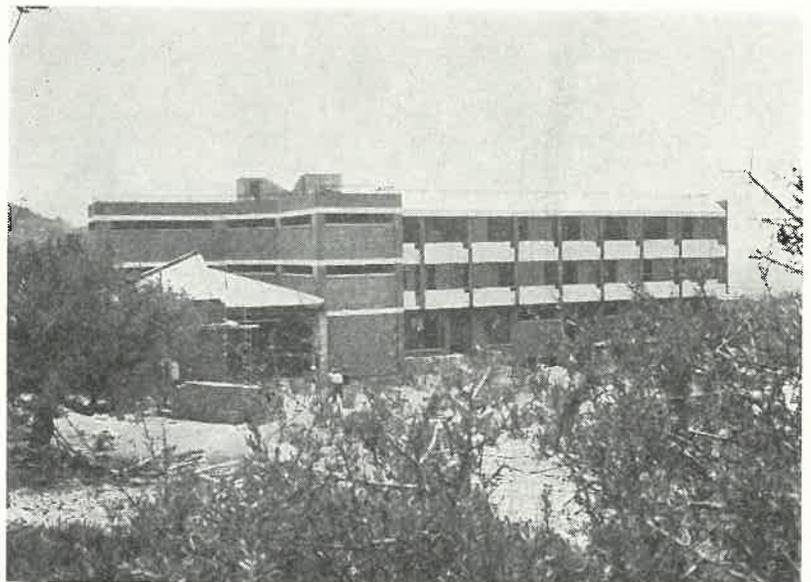


*Seminário de Sagunto — Administração e aulas (fachada anterior)*

*Administração  
e aulas (fachada posterior)*



*Internato masculino  
(fachada anterior)*



*Internato masculino  
(Parte posterior e capela)*

# EM DEFESA DO PRESIDENTE DA CONFERÊNCIA GERAL

(Resposta aos reparos de uma Comissão sem credenciais)

por Ernesto Ferreira

No número de Junho da nossa Revista foi publicada uma entrevista conduzida por R. R. Hegstad com Robert H. Pierson, presidente da Conferência Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, intitulada «Quem são, que fazem e que pensam os Adventistas».

A esse propósito, foi dirigido à Redacção da *Revista Adventista*, da parte de certa «Comissão» sem credenciais (1), um escrito censurando supostos erros nas palavras do Presidente da Conferência Geral e dando uma lição sobre a maneira como esse nosso dirigente devia aprender a expressar-se.

Começa assim o doutoral escrito: «Esta Comissão, depois de ler o citado artigo, vem por este meio chamar a atenção da Redacção da RA para duas afirmações erradas nele inseridas». E termina com as seguintes autoritárias palavras: «Ficamos esperançados de que, sincera e imparcialmente, a Redacção cumpra o imperioso dever de, logo que seja possível, esclarecer cabalmente os leitores da RA sobre estes dois erros crassos. Sugerimos que, de futuro, a Redacção tome medidas que acautellem devidamente a RA de publicar erros deste jaez, procedendo às necessárias e atentas revisões dos artigos antes da sua publicação, venham esses artigos donde vierem, pois *todos* (sublinhado no original) nós homens somos falíveis.»

De que dois «erros crassos» se trata?

Continuemos a transcrever o conteúdo do escrito que nos foi enviado.

«Estas duas afirmações são do seguinte teor:

«1.<sup>a</sup> — ‘A teologia adventista é basicamente protestante e evangélica.’

«Sobre esta afirmação, temos a dizer que não a podemos aceitar como certa, por ela pretender identificar o Adventismo com Babilónia, ainda que indirectamente. Consideramos que Protestantismo é Protestantismo e Adventismo é Adventismo; nada,

pois, de confusões. ‘Aqueles que afirmam (ou insinuam) que as igrejas adventistas do sétimo dia constituem Babilónia, ou qualquer parte de Babilónia, deveriam antes ficar em casa.’ (TM 37).

«Portanto, em vez desta afirmação (que esperamos tenha sido apenas defeito de tradução), era lógico e coerente que tivesse sido afirmado: ‘A teologia adventista é basicamente bíblica.’»

Se o leitor tomar o cuidado de reler a entrevista em causa, verá que a pergunta dirigida ao Pastor Pierson foi a seguinte: «Frequentemente os Adventistas são confundidos com os mórmons, testemunhas de Jeová ou cristãos cientistas. Em que são diferentes desses grupos?»

Todos sabemos que, em certos meios religiosos, os adventistas não são considerados como cristãos, sendo classificados com os mórmons, as testemunhas de Jeová e os cristãos cientistas como negando verdades básicas do Cristianismo.

Pela resposta do nosso dirigente, vemos que, ao contrário do que sucede com aqueles movimentos, a Igreja Adventista é basicamente, genuinamente cristã, tanto em seu aspecto negativo, como em seu aspecto positivo.

No aspecto negativo, é protestante, na medida em que protesta, como os reformadores do século XVI, contra os erros introduzidos ao longo dos séculos no Cristianismo, com base em tradições humanas. É nesse sentido que E. G. White tem em seus livros palavras de elogio para a acção realizada por tantos protestantes.

No aspecto positivo, a Igreja Adventista é profundamente evangélica, na medida em que a sua mensagem está baseada no Evangelho. Uma das suas tarefas básicas é precisamente proclamar «o Evangelho eterno» «aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua e povo».

Segundo a «Comissão», parece que a teologia adventista não deve ser protestante (pelo contrário, deve adaptar-se aos erros introduzidos pelas tradições humanas no Cristianismo) nem evangélica (pelo contrário, deve pregar uma mensagem que não tenha base no Evangelho, como sucede com

(1) Ver artigo «Eslarecimento sobre as Actividades de uma Comissão sem Credenciais», na *Revista Adventista*, de Julho do ano corrente, pág. 9.

os mórmons, as testemunhas de Jeová e os cristãos cientistas).

Se assim não suceder, identifica-se Adventismo com Babilónia. A identificação do Adventismo com Babilónia não se encontra porém, de maneira nenhuma, implícita nas palavras do nosso presidente, mas encontrar-se-ia nas da «Comissão» se os seus reparos fossem correctos.

Torna-se pois, evidente quão longe da verdade se situa a «Comissão» quando pretende que a teologia adventista não é, basicamente, nem protestante, nem evangélica.

Em vez de dar ouvidos a tão estranhos mestres preferimos continuar ouvindo, como lídimo representante da posição adventista, o nosso presidente da Conferência Geral.

A outra afirmação errada teria sido a seguinte:

«2.<sup>a</sup> — ‘O conceito de que a Natureza é Deus em acção, e fala d’Aquele que age, é o esposado e ensinado pelos adventistas.’

«Também sobre esta afirmação temos a dizer que não a podemos aceitar como certa, por ela não corresponder à verdade. Os adventistas nunca ensinam que a Natureza é Deus (como os panteístas), mas sim que ‘no princípio criou Deus todas as coisas’ (Gén. 1:1), e ‘todas as coisas foram criadas por Ele, e sem Ele nada do que foi feito se fez’ (S. João 1:3). Esperamos que esta afirmação tenha sido outro lamentável erro de tradução.»

Segundo a «Comissão», o Pastor Pierson teria afirmado que a Natureza é Deus, negando assim a criação.

Basta ler a pergunta e a resposta que aparecem na Revista para logo nos apercebermos do contrário. Senão vejamos:

«P. — Os adventistas são criacionistas ou evolucionistas?

«R. — Os adventistas sustentam que a realidade última é um Deus pessoal, que o universo material foi trazido à existência por uma criação *fiat* e que a lei natural é na realidade a lei divina. Este sobrenaturalismo põe os membros em conflito com o naturalismo que permeia em grande parte o mundo filosófico e teológico da actualidade. O conceito de que a Natureza é Deus em acção, e fala d’Aquele que age, é o esposado e ensinado pelos adventistas.»

Tornado bem claro que o Pastor Pierson põe em evidência a criação deste mundo por Deus, como entender as palavras «a Natureza é Deus em acção»?

A «Comissão» deve saber, pois assume uma atitude doutoral, que em todas as línguas há os chamados tropos ou imagens. Entre esses tropos ou imagens destacam-se a metáfora e a metonímia, tão comuns na

linguagem religiosa, inclusivamente na própria Bíblia.

Que é a metonímia? Lemos em qualquer manual de composição literária: «É o tropo que atribui a uma coisa o nome de outra, que com ela se liga por uma relação de sucessão.» Este tropo tem muitas variantes, sendo uma delas «a que emprega a causa pelo efeito, ou este por aquela». Assim, «a Natureza é Deus em acção» corresponde à seguinte afirmação: «A natureza é o *efeito* de Deus em acção». Da mesma maneira podemos dizer do escrito que nos foi enviado: «Este escrito é o espírito vesgo da Comissão em acção». Com esta frase, não afirmamos que o escrito é a «Comissão», da mesma maneira que com aquela não foi afirmado que a Natureza é Deus.

São numerosas as passagens em que E. G. White emprega semelhante linguagem. Notemos os seguintes exemplos:

«Sejam os nossos alunos colocados onde a natureza possa falar aos sentidos, e em sua voz possam ouvir a voz de Deus.» — *Fundamentals of Christian Education*, pág. 320.

«Os que sacrificam a simplicidade à moda, e se excluem das belezas naturais, não podem ter mente espiritual. ... O seu coração não é vivificado e não pulsa com novo amor e interesse, e não se enchem de respeito e reverência ao verem Deus na natureza.» — *Testemunhos Selectos*, vol. 1, pág. 280.

E. G. White anima as crianças a porem-se em contacto com a Natureza. «Desta maneira poderão aprender a vê-l’O na árvore e na videira, no lírio e na rosa, no sol e na estrela. Poderão ouvir a Sua voz, no canto das aves, no sussurro das árvores, no retumbante trovão, na música do mar». — *Orientação da Criança*, págs. 46, 47.

João exilado em Patmos «em todas as obras da Natureza mantinha comunhão com o seu Deus». — *Santificação*, pág. 81.

Careceremos de mais citações para concluirmos que a estrábica «Comissão» deturpou o sentido das palavras do presidente da Conferência Geral?

\*

Está suficientemente estudado pela Psicologia Patológica o tipo mental a que pertencem semelhantes investigadores dos erros alheios.

Incapazes de apreender e interpretar todos os aspectos do assunto em causa, não conseguem uma visão equilibrada da realidade. Pretensos detentores da pureza absoluta de vida e de princípios, destacam frases isoladas fora do contexto, atitudes por vezes pouco felizes em caracteres e vidas habitualmente irrepreensíveis, para imediata-

mente, triunfantemente, delas fazerem alarde contra aqueles a quem tornaram alvo dos seus ataques.

É um tipo de pessoas que encontramos com frequência nos Evangelhos, descobrindo defeitos nas atitudes e ensinamentos de Jesus. Na Igreja Apostólica não faltaram tais pessoas e contra as suas actividades adverte Paulo aos crentes nas suas epístolas. E. G. White repetidamente chama a atenção da Igreja Adventista para se acautelar contra tais.

Não aceitemos facilmente as acusações feitas por semelhantes pessoas. Em geral, vêem apenas um lado da questão. Procuremos descobrir se não há outros aspectos a serem considerados. Só assim poderemos atingir uma visão correcta da realidade.

O apóstolo Paulo aconselha-nos a que «seguindo a verdade em caridade, crescamos em tudo n'Aquele que é a cabeça, Cristo». Deturpando a verdade, com falta de amor, o resultado não pode ser outro senão prejuízo para a vida cristã.

---

## Pode alguém ousar dizer...

(Cont. da pág. 12)

David, sofreram as agonias da dúvida sobre a própria condição. (Ver Salmo 31:22; 77:7-9). O Novo Testamento regista vários graus de fé — infantil, adolescente e adulta. (Ver Rom. 12:6; Lucas 17:5; II Cor. 10:15). Provavelmente, qualquer experiência cristã de natureza madura e profunda é caracterizada por algum conflito interior. (Ver II Cor. 13:5). Serão os eleitos de Deus, nas últimas horas da história da terra, que hão-de sentir intensamente a sua própria deficiência. (Ver *O Conflito dos Séculos*, pág. 455.) Portanto, o sentimento da nossa falta de certeza não significa que não somos aceitos. Mas faz-nos aparecer no rosto rugas desnecessárias.

A maneira de conclusão, impressiona-me o facto de a certeza que um cristão pode ter acerca da sua própria aceitação ser semelhante a uma experiência de casamento. (Ver Efés. 5:25; Apoc. 19:7). O ficar apaixonado leva ao compromisso do casamento, como na relação pessoal com Cristo, há certos deveres ou «obras» a desempenhar. Trabalhamos num emprego e ganhamos um salário, cortamos a relva do jar-

dim e deitamos fora aquilo que o suja, cuidamos das crianças e vamos fazer compras. Fazemos isto de boa vontade, não para ganhar o amor do nosso cônjuge, mas porque já temos a certeza de o possuir.

Casualmente — nalguns casos com certa frequência — cometem-se erros, irrompem crises familiares. Os esposos exaltam-se, discutem, saem do quarto atirando com a porta. Embora isto esteja tudo errado — e seja até pecado — a maioria dos esposos lamenta a sua impaciência e inconsideração. Ainda estão comprometidos um com o outro em espírito, do mesmo modo que o estão na letra da lei. Ainda que tenham tido uma divergência, o seu casamento não fica subitamente desfeito. O nosso casamento, como o nosso cristianismo, não se faz e desfaz porque enfrentamos problemas e erramos.

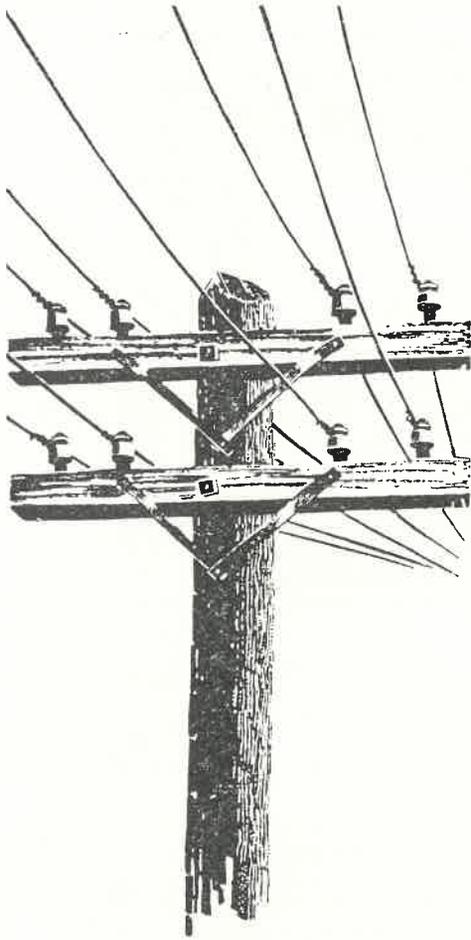
Consequentemente, que respondem as pessoas casadas quando alguém lhes pergunta: «É casado?» Não fazem comentários evasivos como: «Ainda não sou realmente como deveria ser», ou «Estou fazendo o possível, mas tenho que me esforçar ainda mais», ou: «Espero sê-lo alguma vez no futuro». A resposta é: «Sim, sou!» Os anos futuros podem ser cheios de incerteza, e — Deus não permita que tal venha a acontecer — há sempre a liberdade de dissolverem o casamento. Mas por agora podem dizer com confiança: «Sim».

Assim é na nossa relação com Cristo. É por isso que os cristãos podem, em boa consciência, responder: «Sim» à pergunta: «Está o senhor salvo?» se com isso queremos dizer: «Deus aceitou-me como Seu filho». E a promessa é fiel: «Aquele que perseverar até ao fim será salvo» (Mat. 24:13).

---

«Que uma fé viva se entretença como fios de ouro na execução dos menores deveres. Então, a faina diária toda promoverá o crescimento cristão. Contemplaremos então a Cristo continuamente. O amor a Ele dará força vital a tudo quanto emprendermos. Assim podemos, pelo bom uso de nossos talentos, ligar-nos por uma cadeia áurea ao mundo superior. Esta é a verdadeira santificação; porque a santificação consiste na realização alegre de nossos deveres quotidianos em obediência perfeita à vontade de Deus.» — Parábolas de Jesus, pág. 360.

# NOTÍCIAS DO CAMPO



## Alberto Narciso Nunes

Em 4 de Julho chegou a Lisboa, acompanhado de sua esposa e filhos, Alberto Narciso Nunes, pastor da Igreja da Beira, em Moçambique.

## Helmut Seidel

O Ir. Helmut Seidel e sua esposa, Dr.<sup>a</sup> Maria de Lourdes Campos Seidel, ambos até aqui professores no Colégio Adventista do Huambo, em Nova Lisboa, chegaram no dia 7 de Julho à Metrópole, a caminho da Alemanha.

## Carlos Casaca

Com sua esposa e filhos, chegou em 9 de Julho, o Ir. Carlos Casaca, professor no Colégio Adventista do Huambo.

## Daniel Correia Martins

Na companhia de sua esposa e filhos, chegou no dia 10 o Ir. Daniel Correia Martins, professor na Escola Adventista de São Tomé.

## Maria da Graça Monteverde

A fim de passar algum tempo com a família, chegou a Lisboa, em 23 de Julho, a Ir. Maria da Graça Monteverde, professora no Colégio Adventista do Huambo.

## António Antunes Maurício

Vindo de Angola, com regresso permanente à Metrópole, chegou com sua esposa e filhos, no dia 30 de Julho, o Pastor António Antunes Maurício, que ultimamente dirigia a igreja de Luanda.

## CONVENÇÃO MINISTERIAL

De 1 a 6 de Julho teve lugar, na Costa de Lavos, a habitual Convenção Ministerial levada a efeito uma vez por ano pela Associação Portuguesa.

No meio da Natureza e com um tempo magnífico, as reuniões decorreram num esplêndido espírito.

As mensagens foram particularmente inspiradoras. Estiveram presentes, tratando de oportunos assuntos, os seguintes pastores visitantes: Samuel F. Monnier, presidente da União Sul-Europeia (O obreiro como pastor e evangelista); Dr. Herbert Stoeger, secretário do Departamento da Saúde da Divisão Euro-Africana (O ministério da saúde no evangelismo); Peter Kunze, novo secretário-tesoureiro da União Sul-Europeia (As finanças da Igreja); Eugénio Rodriguez, secretário dos Departamentos da Escola Sabatina, Actividades Leigas e Temperança da União Sul-Europeia (O papel do obreiro na preparação dos leigos).

Cada dia, em «mesa redonda», foram discutidos assuntos de palpitante interesse para uma mais perfeita realização do ministério que nos foi confiado.

Não foram esquecidas as nossas esposas, que tiveram algumas reuniões privativas, dirigidas pelos Pastores Samuel F. Monnier e Eugénio Rodriguez.

A Convenção terminou com as actividades de Sábado, tendo a Escola Sabatina sido dirigida pelo Pastor Benito Raymundo e o sermão do culto sido pregado pelo Pastor Ernesto Ferreira. À tarde, teve lugar uma reunião de experiências missionárias, em que falaram vários obreiros, seguindo-se a sessão de encerramento com testemunhos pessoais de louvor e consagração.

Sentimos que, à medida que nos aproximávamos do fim, o Espírito de Deus se fazia sentir no nosso meio.

Saimos da Costa de Lavos unidos com mais estreitos laços de simpatia cristã e decididos a trabalhar com mais dedicação e eficiência para a terminação da Obra em Portugal.

F.

## CURSO DE COLPORTAGEM

Realizou-se de 10 a 13 de Julho nas instalações do Parque M. V. da Costa de Lavos, o Curso Anual de Colportagem da Associação Portuguesa.

Neste lugar, em pleno contacto com a Natureza, todos os participantes passaram momentos ricamente abençoados numa sã camaradagem cristã.

Além do calor humano, que este encontro proporcionou a todos os obreiros da página impressa, temos a assinalar o óptimo ambiente espiritual que envolveu todas as actividades deste curso.

Estiveram presentes uma vintena de colportadores que muito interessadamente assistiram a todos os trabalhos.

O êxito deste curso deve-se em parte à pronta cooperação de três visitantes que prestaram eficiente colaboração aos trabalhos.

Tivemos a presença do Pastor David Sanguesa, da União Sul-Europeia, que ministrou alguns excelentes métodos de trabalho e a série de três lições: «A Formação Profissional do Colportador».

Também o Pastor Ernesto Ferreira desenvolveu o tema: «Os

## CANELAS

colportores no programa evangelístico da Associação Portuguesa», fazendo sentir que um colportor evangelista é mais do que um simples vendedor — é um obreiro de Deus.

A participação do Pastor Samuel Reis esteve relacionada com assuntos da Publicadora Atlântico.

Ao aproximar-se o momento da partida, cada colportor estava convicto de que o seu trabalho não constituía um pesado fardo, mas o maior de todos os privilégios, ou seja, salvar almas para Cristo.

Este glorioso trabalho de levar de porta em porta os livros repletos da mensagem da volta de Jesus nunca foi tão facilitado como nestes últimos tempos.

«Chegou o tempo de fazer uma grande obra por meio dos colportores. O mundo dorme e como atalaias eles devem fazer soar a campainha da advertência, a fim de despertar os dormentes a reconhecimento do seu perigo.» — *O Colportor Evangelista.*

Há através de toda a terra um poderoso exército de colportores evangelistas empenhado na execução desta honrosa tarefa de despertar as almas para as realidades eternas.

Esta obra precisa de ser terminada rapidamente. Por isso Jesus chama homens e mulheres a tornarem-se colportores evangelistas.

Não queres tu também ser um valoroso instrumento nas mãos de Deus, servindo-O na obra da colportagem?

O salário (a coroa da vida eterna) é compensador.

*Arnaldo Martins*



*Canelas — Membros baptizados em 20 de Julho*

Foi no mês de Outubro do ano transacto que nos encontramos a dirigir a igreja de Canelas e que presentemente tem no registo 186 membros sendo uma das maiores da zona Norte, para isso muito contribuiu o esforço de todos os Irmãos e a abnegação dos colegas que me antecederam.

Reabrimos recentemente, princípio do ano, a nossa sala de Vila Nova de Gaia, mas onde o trabalho se está a processar com bastante morosidade. É uma região difícil e são poucos os interessados locais que nos visitam. Temos no entanto muitos Irmãos mas que desde há mais ou menos tempo e embora vivendo aqui perto frequentam e pertencem às igrejas do Porto, Oliveira do Douro, Canelas e até Avintes. Precisamos de organizar uma igreja aqui justamente com estes irmãos, pois além de os termos presentes, com eles virão os interessados e que até ao momento têm levado para as igrejas onde pertencem.

Estou certo que Deus tem aqui muitas almas e estamos orando e visitando muitas almas e auxiliando-as com o curso «A Bíblia Responde» e «Futuro Brilhante» e a seu tempo teremos o fruto deste trabalho do Senhor, para isto nos tem ajudado bastante indo de casa em casa, o Irmão colportor e dinâmico e incansável missionário Abel Mota. É ainda ele que todos os Sábados e domingos enche como um ovo o seu carro de crentes e interessados para assistirem aos nossos cultos.

Tivemos no dia 18 de Maio em Canelas uma maravilhosa sessão



*Canelas — Membros baptizados em 18 de Maio*

baptismal, onde 9 preciosas almas selaram um pacto com Deus através da água e do Espírito. No dia 20 de Julho mais uma abençoada cerimónia baptismal onde 5 novos Irmãos vieram aumentar o redil do Bom Pastor. Este é o trabalho de alguns irmãos e a oração de todos, eles representam muito labor e uma luta constante contra Satanás que deseja enlevar e perder as almas. Mas Deus é mais forte.

Peço que orem pela igreja de Canelas e o trabalho em Gaia, para que nesta região tão densamente povoada continue a brilhar um «farol» para que muitas almas não sejam destroçadas mas consigam orientar-se em direcção a Jesus e à salvação,

Saudações do pastor amigo

*M. Laranjeira*

## II FESTIVAL DE MÚSICA CRISTÃ MV

Conforme foi amplamente noticiado, realizou-se no dia 20 de Julho do corrente ano, no Monumental, em Lisboa, o 2.º Festival de Música Cristã, patrocinado pelo Departamento M.V. da Associação Portuguesa.

O acontecimento atraiu o interesse e a atenção dos jovens e irmãos de todo o campo português e dos meios de comunicação, da Metrópole, o que constituiu um trabalho de Relações Públicas de fina qualidade que dificilmente se consegue igual, mesmo à custa de pesadas somas de dinheiro.

Segundo comprovámos pessoalmente e pelo testemunho unânime

me de todos quantos ouvimos a respeito, os objectivos deste festival foram seguramente alcançados, o que trouxe muita alegria, não somente aos seus incansáveis organizadores, como também a todos nós, que assistimos emocionados o desfilar de autênticos valores nessa noite inolvidável.

Os objectivos de um festival desta natureza são evidentes:

1.º Despertar vocações, descobrir talentos adormecidos para enriquecer a igreja com boa música. Música feita por nós, que traduza nossa experiência, nossa esperança, nossa vivência, enfim, na verdade presente.

É bom e salutar cantar os velhos hinos do passado, mas é necessário também que surjam novos hinos que traduzam os sentimentos, as angústias e as alegrias da igreja que vive um momento histórico num mundo total e completamente diferente dos nossos antepassados.

«Vem viver», «Experimenta Jesus», «Me deponho em Tuas mãos», «Getsêmane», «Aleluia Cristo Voltará», «Eis a razão de ser Adventista» e outros, são alguns dos hinos que foram compostos pelos nossos jovens e que tocaram os corações.

Algumas pessoas não podem compreender e não se conformam com o ritmo alegre dos hinos da juventude desta geração, deixando de perceber, por isso mesmo, a mensagem oportuna e actual que encerram. Perguntamos: Não haveria ritmo na música que levou David a saltar e pular diante da Arca? I Cron. 15:28, 29.

Não haveria ritmo na música que levou Miriam e suas companheiras a dançarem ao som dos tamboris? Exo. 15:20, 21.

Entretanto eram hinos de louvor, e foram por Deus aceites como tais, porque expressavam de maneira espontânea e verdadeira os sentimentos daqueles homens e daqueles dias. Não escaparam, porém, tais hinos e seus autores à crítica dos olhos maus, que procuram ver o mal e somente o mal em todas as coisas (II Samuel 6:20-23), como acontece ainda hoje nalguns lugares.

O 2.º objectivo do festival é oferecer aos nossos jovens a oportunidade de uma recreação sadia, que contribua para o seu desenvolvimento intelectual, artístico e religioso.

Os prémios, as classificações são apenas estímulos para atrair o interesse de alguns poucos, que de outra maneira não tomariam parte, porém, obviamente, não são o fim. Não é o mais impor-

tante ser classificado, alcançar um prémio. O mais importante é participar, contribuir de qualquer maneira, dando cada um um pouco de si mesmo para exaltar o Nome, que é, e que deve ser sempre o centro de todos os nossos hinos e louvores: Jesus, o nosso querido Salvador!

O 3.º objectivo do Festival é fazer relações públicas, evangelismo, fazendo sentir a presença da igreja na comunidade, através dos modernos meios de comunicação, jornais, rádio e T.V. para que a sociedade saiba da nossa existência como um povo e tome conhecimento da mensagem que representamos.

Não resta a menor dúvida de que estes grandes objectivos foram conquistados. Novos hinos e poemas surgiram e que serão cantados e repetidos através dos anos por vir.

A grande assistência que lotou todas as dependências do Monumental evidenciou a nossa união e a força que poderemos ter se mais e mais nos unirmos como irmãos em Cristo.

A presença de um delegado da Junta de Salvação Nacional, bem como de outras autoridades, e o apoio incontestável da Imprensa e da Rádio deram aos organizadores do II Festival de Música Cristã M.V. sobejas provas para continuarem a fazer planos para novos e maiores festivais no futuro.

Que nossos músicos em todas as igrejas comecem desde já a trabalhar com afinco para que o festival do próximo ano, limadas algumas arestas e corri-

das algumas deficiências, possa constituir um êxito ainda maior.

*Benito Raymundo*

P. S.—A Comissão Organizadora do Festival era composta pelos seguintes membros: António Sala (realizador), António Baião (produtor), Elisabeth Sala e Luís Carlos Beato (apresentadores), Haydée Martins (deco-radora), Luís Carlos Beato (ar-ranjos gráficos), Andrea Steel, Carmen Sala e Isabel Beato (se-cretárias).

Doze igrejas estiveram representadas com os seguintes autores e compositores: Amadora (letra de Joaquim Rodrigues e Laurinda Realinho e música de Armando Cotim); Aveiro (letra e música de Arnaldo Borges); Barreiro (letra e música de Mário de Oliveira); Canelas (letra de Virgílio Tavares e Celeste Tavares e música de Virgílio Tavares); Coimbra (letra de Maria de Lourdes Gama, música de António de Mala); Faro (letra e música de José Coelho); Figueira da Foz (letra de Fernando Pedrosa, música de José Daniel Simões); Lisboa (letra de Carmen Sala e Miguel Baião, música de Miguel Baião e António Sala); Portalegre (letra e música de Daniel Silva); Odívelas (letra e música de José Manuel, Fátima Nunes e Almiro Ferreira); Porto (letra de Jorge Coelho, Lola Rodrigues e Esmeralda Martins, música de Rubem Faustino e Jaime Martins); Setúbal (letra de João Paulo e Manuel Pires, música de João Paulo).

**«A santificação não é obra de um momento, de uma hora, de um dia, mas da vida toda. Não se alcança com um feliz voo dos sentimentos, mas é o resultado de morrer constantemente para o pecado, e viver constantemente para Cristo. Não se podem corrigir os erros nem apresentar reforma de carácter por meio de esforços débeis e intermitentes. Só podemos vencer mediante longos e perseverantes esforços, severa disciplina e rigoroso conflito. Não sabemos quão terrível será a nossa luta no dia seguinte: Enquanto reinar Satanás, teremos de subjugar o próprio eu e vencer os pecados que nos assaltam; enquanto durar a vida não haverá ocasião de repouso, nem um ponto que possamos atingir e dizer: 'Alcancei tudo completamente.' A santificação é o resultado de uma obediência que dura a vida toda.» — Actos dos Apóstolos, págs. 560, 561.**